

CONCEPÇÕES DE LEITURA DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO: UMA ANÁLISE CONCEITUAL

LIMA NETO, Izaías Serafim de¹
(izaiaslima5@gmail.com)

TARGINO, Janine Andrade²
(ninetarg@hotmail.com)

SANTOS, Flávia Meira dos³
(flavinhaasantos20@hmail.com)

SOUZA, José Marcos Rosendo de⁴
(mark_city@hotmail.com)

SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa⁵
(malupsampaio@hotmail.com)

A leitura em sala de aula pode ter diversas abordagens e mais diversas ainda finalidades: pode ser praticada como atividade reprodutora de conteúdos ou até mesmo como formadora do homem, enquanto sujeito crítico e reflexivo. Portanto, compreendendo-a como a associação do signo linguístico a um conhecimento prévio de mundo, e como processo de interação que visa à comunicação entre sujeitos, compreendemo-la como indispensável à vida social dos indivíduos, quer seja essa leitura de textos dispostos sobre o papel quer de discursos orais. Assim sendo, a leitura desempenha papel crucial na formação dos indivíduos enquanto sujeitos socializáveis. Partindo dessa visão de leitura como formadora sociocultural, o presente artigo busca investigar e compreender de maneira satisfatória as noções pessoais acerca da leitura de alunos das três séries do Ensino Médio de uma escola pública da rede estadual de ensino na cidade de Catolé do Rocha/PB. Para isso, utilizamos de uma pesquisa de campo de cunho qualitativa, tendo como aporte teórico Koch & Elias (2010), Souza e Sampaio (2014), Kleiman (2012) e Maia (2007), entre outros. Nosso estudo buscará como possíveis resultados nortear a todos os leitores dessa temática acerca das concepções que alunos do Ensino Médio têm sobre leitura e como as mesmas influenciam no fazer social dos indivíduos. E, assim, através de nossas análises corroborar ou antagonizar as mesmas. Buscaremos, também, sugerir metodologias que tenham por intuito a melhoria e ampliação da prática da leitura nas séries do Ensino Médio, além de corroborar com a noção sociointeracionista desse processo, para que o mesmo venha a se efetivar como atividade prazerosa e construtiva, quer seja no espaço escolar quer em outros ambientes sociais nos quais o aluno esteja inserido.

Palavras-chave: Leitura. Ensino Médio. Aluno.

¹ Estudante de Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba; Bolsista CAPES pelo PIBID.

² Estudante de Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba.

³ Estudante de Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba.

⁴ Mestrando em Letras pelo PPGL/UERN, Pau dos Ferros – RN e bolsista CAPES pelo OBEDUC.

⁵ Professora do PPGL, PPGE, PROF-LETRAS/UERN.

INTRODUÇÃO

Compreendendo a função social da leitura, enquanto lugar de troca de conhecimentos, onde ocorre interação comunicativa, construção das cargas cognitivas e atividade essencial ao aprendizado, no que tange ao ambiente escolar, e pondo-nos enquanto possíveis sujeitos críticos formados pela prática da leitura questionamo-nos sobre as concepções de leitura do alunado, visto que, através da mesma torna-se possível o avanço nas séries escolares. Assim sendo, buscaremos no presente artigo responder aos seguintes questionamentos: O que compreendem por leitura os alunos das três séries do Ensino Médio de uma escola pública da rede estadual de ensino na cidade de Catolé do Rocha/PB? E, afinilando mais, quais as inferências que eles fazem quanto à importância e o porquê da leitura? Para esses alunos, quais são as finalidades e os ganhos que eles terão com o hábito de ler?

Valendo-nos do aporte teórico das postulações de Koch & Elias (2010) Kleiman (2012), Souza e Sampaio (2014) entre outros, adentraremos ao estudo da leitura enquanto formadora social de sujeitos críticos e reflexivos. Partindo, acima de tudo, da noção de leitura enquanto atividade de interação comunicativa pretendemos compreender através de uma pesquisa de campo, quais as críticas (aqui entendidas como opiniões pessoais) e avaliações que os alunos têm quanto a leitura, assim sendo, teremos informações norteadoras para que possamos galgar uma intervenção que altere ou corrobore o senso crítico deles, para tanto, buscaremos discutir as falhas nessas concepções, quais os déficits quanto ao ato de leitura que apresentarem os alunos, e, por fim, buscaremos expor uma estratégia plausível para intervir positivamente na utilização da leitura em sala de aula, tendo em vista sua função formadora do caráter sociocultural do homem.

Sendo a leitura essencial ao universo escolar e à relação ensino-aprendizagem, julgamo-la como um dos cerne desse processo, o que implica afirmar que sem a leitura torna-se inviável a Educação. Assim sendo, compreender o que é ato de ler e observá-lo enquanto prática que deve ser fomentada em todas as escalas de estruturas sociais (escola, família, etc.) é primordial ao seu aperfeiçoamento, e, para essa compreensão, usamos como ferramenta de pesquisa uma entrevista semiestruturada, na qual os sujeitos questionados expunham suas concepções pessoais acerca da leitura, assim, pudemos, através das falas deles, analisarmos e elencar sugestões plausíveis de intervenção.

2 SITUANDO A LEITURA: UM OLHAR TEÓRICO

A leitura, outrora vista como direito exclusivo da nobreza e do clero, tornou-se, na contemporaneidade, objeto de ascensão e inserção social, visto que o homem em seu meio de vivência necessitou expandir suas possibilidades comunicativas. Isso, por sua vez, deveu-se ao advento das mídias tecnológicas, a valoração maior dada ao estudo, ao êxodo rural para a cidade (o que acarreta crescimento populacional, logo, novas possibilidades de comunicar-se), à ascensão das classes mais desprivilegiadas no quadro social, e a maior exigência do mercado de trabalho quanto à escolaridade e capacitação. Assim sendo, fez-se necessário ao indivíduo que precisa comunicar-se em sociedade aumentar seu léxico, dinamizar sua linguagem, e, acima de tudo, precisaram-se formar sujeitos críticos para compreenderem e intervirem em seu contexto sociocultural.

Assim sendo, a leitura tornou-se alvo de pesquisas e estudos aprofundados que tinham por intuito explicitar quais eram as suas formas (maneiras de ler, quer seja de maneira decodificativa, quer crítica, etc.) e funções (aprender conteúdos, ler para aumentar seu grau de capital cultural, leitura como ferramenta de inserção social). De acordo com Koch & Elias (2010), a leitura pode ser compreendida de três maneiras diferentes, onde os sujeitos leitores desempenham fundamental papel para a compreensão e execução eficaz dela. Uma primeira concepção vê a leitura como ato de decodificação, ou seja, ao leitor cabe simplesmente o domínio do código linguístico (ou léxico) para que se efetue a compreensão do que estava dito no texto lido, sem que o mesmo tenha de acessar seus conhecimentos prévios, ou mesmo reflita acerca do que acabara de ler, pois, como afirmam Koch & Elias (2010) *apud* Souza e Sampaio (2014, p.149) “está tudo dito no dito”, assim, a leitura é um ato visual e nesse ato de ver o que está posto sobre o papel bastaria para que o texto tenha sido entendido. Posta assim, a leitura despreza qualquer intervenção do interlocutor do texto, pondo-o como passivo ante o enunciado.

Uma segunda concepção sobre a leitura faz-se opositora à noção de leitura como simples decodificação, ou seja, nesta a leitura tem seu sentido construído apenas a partir do leitor. Assim sendo, como afirmam Souza e Sampaio (2014, p.149), “o leitor constrói o sentido do texto a partir de seu conhecimento, e para isso utiliza estratégias, como a utilização de adivinhações baseadas em seu conhecimento prévio.” Vista assim, a leitura torna-se atividade isolada do leitor, pondo-o como único interventor e ignorando, assim, o autor do enunciado e suas pretensões. Dessa maneira, o que o texto traz por vezes é ignorado, já que se

o leitor lê um periódico e compreende-o como receita gastronômica, o enunciado perde o discurso que trazia, visto que somente ao leitor cabe inferir e interferir sobre o que estivera dito no que lera.

A terceira concepção de leitura pode ser entendida como uma junção das duas outras. Visto que, segundo Koch & Elias (2010), a leitura é atividade de interação de sujeitos, onde o texto (quer seja oral ou escrito) é o *lugar* onde se dá essa troca, visto isso, podemos inferir que ler é conhecer o código linguístico e imprimir em uma sequência linguística seus conhecimentos prévios de mundo, suas reflexões e por vezes suas dúvidas, observando e levando em conta, assim, as intenções comunicativas do autor do texto, o contexto sociocultural onde o enunciado está inserido, além de observarem-se quais intuitos tem o leitor no dado momento em que efetua a leitura. O foco aqui seria tríplice, já que autor/falante, leitor/interlocutor e texto (oral ou escrito) teriam seus papéis preservados: as intenções do autor e o código que ele usara seriam levados totalmente em conta, contudo os conhecimentos prévios de quem ouve/lê preencheriam os não-ditos e as lacunas que o texto por si só traz, assim, o enunciado se completa nessa interação, sem que nem código nem autor, tampouco leitor sejam desprezados nesse processo.

Assim, para cada concepção de leitura podemos elencar diversos tipos de leitores, visto que todo indivíduo tem seus meios, interesses e privações quanto ao hábito que pode ser o ato de ler. Com base no que postula Rolla (1995) citamos os seguintes tipos de leitores: O **não-leitor**: Esse seria o indivíduo que não foi habituado à leitura, visto que a leitura é um hábito, digamos, hereditário, já que, Segundo Bourdieu (2007) os filhos são reflexos de seus pais, podemos inferir que pais leitores acabam fomentando a leitura em seus filhos, quando há pais não-leitores ocorre o inverso. Assim, também, vale ressaltar o papel de incentivadora da leitura que a escola desempenha, pois, como afirma Antunes (2003) inúmeras vezes a escola mostra aos alunos a leitura como simples ato de decodificação e a faz descontextualizada ou apenas como forma de aquisição de nota e como gancho para a memorização e por vezes de maneira impositiva, assim, cria-se um certo trauma que se reflete na falta do hábito de leitura.

Partindo dessa afirmação de escola que mecaniza a leitura, citamos o **leitor técnico** (esse pode ser enquadrado na concepção de leitura como decodificação, já que o mesmo prende-se ao signo linguístico), indivíduo que se habituou a utilizar a leitura estritamente como instrumento de estudo. Esse simplesmente decodifica o texto, memoriza as partes que lhe serão úteis e pronto. Ignora, em sua maioria, o valor contextual e estético que o texto apresentara, pois, inferimos que, esse tipo de leitor tenha sido escolarizado vendo a leitura

como atividade chata e por vezes assustadora, pois era relacionado a análise sintática, morfologia ou classificação de palavras.

A esse respeito Antunes (2003, p.28) diz que “muitas vezes o que se lê na escola não coincide com o que se precisa ler fora dela”, ou seja, uma leitura escolar realmente eficaz teria de acarretar reflexão e arremeter ao mundo fora da instituição de ensino, assim sendo, pôr um aluno para ler um texto sem que esse mova sua carga cognitiva de lembranças, impressões, emoções e hábitos é um ato sem significação alguma.

A leitura descontextualizada pode ser vista aqui como uma leitura inexistente, uma não-leitura, é apenas decodificação, é (metaforicamente falando) uma leitura infértil, visto que ao aluno não acrescenta quase nada. O texto, como lugar de interação, requer uma atividade de troca entre quem escreveu e quem está lendo, porém quando o leitor mecânico efetua a leitura, essa não acrescenta nada ao seu pensamento crítico, ou simplesmente cede-lhe uma informação necessária que logo será esquecida. Vale aqui pôr uma citação de Antunes (2003) que corrobora com a noção de que a leitura descontextualizada e mecânica é danosa e improfícua:

Nem tudo o que é “dito” aparece literalmente na superfície do texto, ou melhor, está dito sob a forma literal das palavras. Há, naturalmente, em qualquer texto, “coisas explicitadas”, isto é, vazios a serem preenchidos, o que não impede que o texto permaneça interpretável.”(ANTUNES,2003.p.78)

Assim sendo, os vazios que a autora cita tem de ser preenchidos pelos conhecimentos prévios de mundo dos leitores, o que a leitura mecânica que o leitor técnico executa não possibilita. Citamos ainda o **leitor profissional** (esse, por sua vez, encaixa-se perfeitamente na perspectiva de leitura como ato conjunto entre autor, texto e leitor), que por sua vez, executa a leitura como atividade de interação (ANTUNES, 2003), pondo-se de forma crítica e reflexiva diante do texto, buscando analisar a estética do texto e sendo eclético quanto às leituras que faz, visto que, em sua maioria, leitores profissionais leem de tudo e buscam a leitura como forma de entretenimento e lazer, assim sendo, constroem a partir da leitura seu senso crítico e arcabouço cultural, que move quando necessita comunicar-se.

Rolla (1995) cita ainda o **leitor dileitante**, individuo que lê, tem o hábito de ler, porém é ingênuo diante do que lê, pois não infere nem interfere no que o texto propõe, antes decodifica-o e atem-se a isso, visto que a leitura aí é prazerosa, todavia sem criticidade.

Tendo visto alguns tipos de leitores e em quais concepções de leitura eles se adéquam, faz-se necessário que contextualizemos a formação leitora no espaço ao qual nossa pesquisa foca: a escola. Quanto a isso, podemos afirmar que sendo os espaços de vivência cotidiana do homem, a exemplo o escolar, os que exigem sua formação comunicativa profícua, e consoante

às postulações dos autores, podemos inferir que a escola é uma das bases formadoras do leitor, vista assim, ela pode desde fomentar a traumatizar no aluno o hábito de ler, e, como agente principal desse processo, temos o professor visto aqui como mediador da leitura. Vale ressaltar que o professor não é detentor do processo de formação leitora por completo, mesmo que muitos o compreendam como sendo.

A esse respeito Garcia (1992) *apud* Maia (2007, p.19) diz que:

Mediar a leitura é estar no meio de uma atividade essencial à escola, à vida, sem tomar nas mãos as rédeas do processo, como se fosse o professor o único a saber o caminho; é estar presente mesmo que sutilmente ausente; é saber que o ato de ler é condicionado por condições e características psicológicas, sociais, econômicas e intelectuais de cada indivíduo e, nesse sentido, cada leitura faz parte de um todo maior.

Assim sendo, o professor deve usar-se de uma metodologia que faça o aluno ler seu entorno sociocultural antes para depois pô-lo diante da leitura de signos, já que compreendemos, segundo Silva (1987) *apud* Maia (2007), que o leitor passa a “compreender-se no mundo” como consequência do ato da leitura, ou seja, quando lemos e movimentamos nossos conhecimentos prévios de mundo conseguimos compreender, criticar, intervir e interagir nesse mundo ao qual, a parti daí, entendemos estar inseridos.

Seria, então, pertinente afirmar que “tornar o indivíduo hábil no processo de ler e escrever, a fim de desempenhar papéis na sociedade, tem sido a função da escola” (MAIA, 2007, p.30), ou seja, 1- a leitura torna-nos membros conscientes da sociedade da qual participamos; 2- a escola forma através da leitura a consciência crítica dos indivíduos; 3- a escola, que se sintetiza na figura do professor, põe-se como base para a formação do pensamento do aluno e de suas capacidades comunicativas; 4- a escola recebe uma carga social muitas vezes grande demais, inferimos, através da citação, que a escola (ou professor) é a única responsável pela formação psicossocial dos alunos e essa generalização pode ser prejudicial ao processo em si, já que a leitura também deve ser fomentada no espaço familiar.

Contudo, não adentremos ao papel da família no processo de formação leitora, já que nossa intenção é observar concepções dos alunos inseridos no espaço escolar, e nossas análises serão pautadas no que inferem acerca da leitura, esta contextualizada no ambiente escolar e vista como parte da grade curricular e como aspecto avaliativo no processo de ensino-aprendizagem.

Tendo compreendido as concepções teóricas do que vem a ser a leitura, tendo conhecido os tipos de leitores e as formas como a escola pode influenciar na formação desses leitores, iniciaremos nossas análises acerca das concepções de leitura de alunos das três séries do Ensino Médio.

4 LEITURA EM CAMPO: PESQUISA E ANÁLISE

A leitura é atividade essencial à grade curricular de qualquer instituição de ensino, sendo ela uma das formas de aprendizado e avaliação. Tendo noção da importância da leitura para o currículo realizamos nossa pesquisa através de uma entrevista que fora aplicada a um aluno de cada série do Ensino Médio de uma escola pública mantida pela secretaria de Educação do estado da Paraíba, ambos os alunos se voluntariaram a colaborar com nossa pesquisa.

Assim, esquematizaremos as análises por série e logo ao fim faremos um apanhado de todos os dados e inferências. Os questionamentos foram feitos da mesma maneira aos três entrevistados, com o intuito de termos diversos pontos de vista sobre o mesmo tema.

4.1 Análise da leitura na primeira série do ensino médio: leitura descontextualizada

Nosso primeiro entrevistado, o aluno **A**, estuda a 1ª série do Ensino Médio. Iniciamos nosso diálogo questionando “1- **Na sua opinião, para quem serve a leitura ?**” e obtivemos como resposta “ **para se comunicar, ficar sabida...**”, ou seja, a leitura aqui é vista como objeto usual à comunicação, onde faz-se necessário que o código do texto seja conhecido para que a compreensão seja efetuada e assim adquira-se o conteúdo expresso na sequência linguística. Essa concepção do aluno adequa-se à noção de leitura focada no leitor, já que a interlocução ocorre entre código e leitor em um campo visual, sem que haja interferência de uma criticidade ou de inferências acerca do que fora lido, já que a leitura conteudista preza somente o que está explícito no papel e que deve ser memorizado e reproduzido com o intuito de “ficar sabido”.

Quando questionado “ 2- **Você considera a leitura algo fácil ou difícil?**” ele nos respondera “ **Basta querer que é fácil. Para mim é difícil, porque é cansativo.**”, ou seja, essa noção de leitura como atividade que cansa vem como consequência da associação desse processo às enfadonhas e repetitivas atividades de memorização e reprodução de conteúdo, e também, mais especificamente , às infimas tabelas de conjugações verbais, pronomes, análises sintáticas, que em sua maioria são as atividades de leitura apresentadas aos alunos que acabam associando-a a cansaço e chatice. Desse modo, a mesma é vitimizada pela metodologia arcaica que as instituições usam essa que, por sua vez, desconsidera a interação e a formação crítica dos sujeitos.

Questionamo-lo, ainda, “3- **Nas aulas de Português, como a leitura é usada?**” e ele nos respondeu “ **Geralmente a professora “bota” a gente para ler sozinho antes e depois ela lê “pra” gente, depois a gente responde o exercício do livro.**”, ou seja, a leitura é posta de maneira descontextualizada, sem que os alunos interfiram ou sejam instigados a pensar sobre o que estão lendo. Daí o ato de ler é unicamente associado ao som, à resposta pré-dada no texto, a exercícios que põem o texto para ser decomposto pelas análises morfológicas e sintáticas, sem que o mundo que o texto traz e o mundo que o aluno conhece e se insere sejam postos diante um do outro para que haja interação e reflexão.

Assim, através do exposto, inferimos que, na 1ª série do Ensino dessa escola pública a leitura é posta de maneira descontextualizada que visa unicamente a reprodução dos conteúdos e onde não há interdisciplinaridade no que tange a leitura, assim, a leitura é estigmatizada como difícil (ou fácil para poucos que querem ou são “intelectuais”), cansativa e chata.

4.2 A leitura na segunda série do ensino médio: leitura para a memorização

O segundo aluno, ou aluno **B**, estuda a 2ª série do Ensino Médio. Quando questionado “1- **A seu ver, para que serve a leitura?**” ele nos respondera “ **Para conhecer palavras novas, aprofundar o vocabulário da gente...**”, assim, fica clara a maneira como a leitura é aplicada nesse contexto. Inferimos que ela aí é posta enquanto reprodutora e ampliadora do léxico, leitura exclusivamente decodificativa, pautada nos signos e como instrumento conteudista, que simplesmente faz com que “**falemos melhor.**”.

Quando questionado “2- **como a leitura é usada em sala de aula?**” ele nos responde “ **A professora de português recita poesia... Fala do Quinhentismo, mas não passa livro “pra” gente ler não...**”, ou seja, o aluno aqui é tido como depósito vazio (FREIRE, 2005), que deve ser cheio daquilo que o professor tem de conhecimento e lê para o mesmo, e este, em contrapartida, deve simplesmente reproduzi-lo, e a leitura, aqui, é totalmente desvalorizada. Vale salientar que, quando questionamos nossos entrevistados perguntamos sobre leitura em geral, contudo pudemos perceber que ler está sempre atrelado às aulas de Língua Portuguesa, dessa maneira concebe-se leitura simplesmente aquilo que é conteúdo dessa área, ignorando, assim, que áreas como História, Geografia e Biologia requerem uma carga de leitura tão vasta quanto português. Nessa perspectiva de aula em que o professor “recita poemas” e o aluno simplesmente ouve, podemos observar que a aula torna-se

enfadonha, exaustiva até, e com isso fomenta-se a ideia de leitura como algo chato e monótono que em nada atrai e acrescenta, enquanto lazer, aos alunos.

Logo após, questionamo-lo “3- **você gosta de ler?**”, e o aluno nos respondeu “ **gosto não... Tenho preguiça...**”. Essa resposta corrobora com o que afirmamos acima: a leitura é vista como atividade que cansativa e que somente é executada “**quando a professora manda**”, a esse respeito Kleiman (2012) diz que o aluno somente lê porque fora exigida tal atividade pelo docente e esta implicará em avaliação que concederá nota, daí o sentido primordial da leitura é anulado, desse modo ler é obrigação e tem por finalidade um conteúdo específico da matéria, que sem ser contextualizado e posto em discussão é brevemente esquecido e desvincula-se de uma significação para o aluno.

Visto isso, compreendemos que a leitura na 2ª série do Ensino Médio dessa escola pública é entendida como atividade que tem por intuito a memorização de um conteúdo específico, ou até como algo sem importância e que se desvincula do dia a dia dos alunos, pois, como vimos, a mesma em sua maioria é forçada pelos professores e esta por sua vez tem como meta apenas avaliar ou “ensinar” um assunto para avaliação.

4.3 A leitura na terceira série do ensino médio: atividade obrigatória e desmotivante

Levando em conta que a 3ª série é a última do Ensino Médio, questionamos nosso entrevistado, o aluno C, “1- **Como a leitura é usada aqui na escola?**”, e ele nos respondeu “ **Alguns professores incentivam a gente a ler, outros não. Geralmente “botam” a gente para ler coisas que falam de outro contexto...**”. Nesse caso pudemos ver claramente como a leitura é tratada como instrumento descontextualizante, pois os alunos são postos diante de textos que tratam de diversos temas os quais, por vezes, relatam acontecimentos de outros estados, notícias sobre outros meios sociais que, claro são necessários que eles conheçam, mas que de maneira descontextualizada ou desvinculada da realidade deles não os acrescenta em nada ou torna-se uma não-leitura, já que logo após o término da aula os alunos nada inferem ou analisam sobre o exposto em classe através da oralização, da leitura silenciosa individual ou compartilhada .

Visto isso, questionamos “2- **Como a leitura é tratada e usada nas aulas de Português?**” e ele nos respondeu “ **É tratada como fundamental, principalmente para o ENEM.**”. Aqui, novamente, a leitura é posta como atividade com finalidades específicas, no caso, alcançar bom desempenho no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que é visto

como porta de entrada para as universidades públicas, assim sendo, a ela serve apenas como instrumento de memorização de conteúdos ou como atividade que exaure o aluno, pois deve ser executada repetidas vezes com o intuito de se alcançar tal conteúdo ou mesmo memorizá-lo e usá-lo quando for necessário.

Por fim questionamos “ 3- **Como você gostaria que as leituras fossem usadas em sala de aula?**” e ele nos respondeu “ **Como algo dinâmico, seria bom se usassem textos engraçados, que falassem da gente. Sabe, texto que prende o aluno, entende?**”, daí podemos tirar as seguintes conclusões: **a:** a noção de leitura interacionista já citada encaixa-se perfeitamente no anseio do aluno, que vê na dinamização desse processo, não só uma decodificação de signos, mas uma maneira de refletir e expressar-se no mundo; **b:** fazer com que o aluno veja a leitura quer seja engraçada quer dramática, contudo chamativa e atraente seria uma possibilidade de desvencilhar o termo ler do adjetivo cansativo.

Tendo terminado nosso diálogo como o aluno **C**, chegamos às conclusões de que ler é algo que precisa de uma abordagem mais prazerosa e menos tediosa e assustadora; que se faz necessário reiterar sempre que leitura é atividade de exercício crítico e analítico dos indivíduos e não uma ferramenta exclusivamente útil ao vestibular e às avaliações; que os alunos anseiam pela dinamicidade da leitura, o que a tornará hábito de lazer e atividade construtiva e uma necessidade pessoal de cada um. Visto isso, é notório afirmar que nunca antes foi tão preciso que a metodologia de como a leitura é aplicada em sala de aula seja revista e criticada, a fim de obter-se como resultado dessa reflexão a fomentação e a habituação do aluno à leitura.

5 LEITURA EM FOCO: RENOVO DO PLANO METODOLÓGICO

Compreendida a essencialidade do ato de ler e expostos os déficits que este processo apresenta, e pondo-nos enquanto sujeitos analíticos torna-se plausível que, com base nos conceitos teóricos que nortearam nossas pesquisas, sugiramos algumas intervenções que, cremos, ajudará no renovo da metodologia aplicada ao uso da leitura nas três séries do Ensino Médio.

Assim, vistas as impressões de leitura como cansativa, descontextualizada e como reprodutora de conteúdos vale elencar três intervenções plausíveis:

- **Leitura de mundo que preceda a dos signos linguísticos:** Tendo noção da importância que tem ao falante dominar o léxico de sua língua não podemos desconsiderar sua leitura,

todavia não devemos restringir o processo de leitura ao que se explicita sobre o papel; cabe à leitura eficiente decodificar, arremeter e criticar.

Ou seja, decodificar o que o autor do texto pôs na forma gramatical, arremeter aos conhecimentos prévios de mundo, suas lembranças e criticar aquilo que lê a partir desses saberes, de modo a apreender o sentido mais plausível do enunciado.

Assim, pôr o aluno diante do enigma que é o texto, sem relevar as lacunas que o mesmo tem, visto que não é possível uma leitura absoluta do texto (KLEIMAN,2012), e sem compreender que as tais somente serão preenchidas no processo de interação, é torná-lo insignificável a quem o lê, ou seja, para que haja compreensão é preciso trazer à troca de sentidos textuais que há na relação autor-texto-leitor, o mundo e o contexto cognitivo (KOCH,2009) do interlocutor.

- **Leitura contextualizada:** É a mais eficiente, pois tornar o aluno hábil na percepção do seu espaço sociocultural e fazer com a leitura do seu entorno preceda a dos signos e a inserção do léxico ao mundo de saberes e vivências, torna-a importante e significativa ao indivíduo. Assim, a um paraibano ler notícias acerca do estado do Rio Grande do Sul ou Minas Gerais e desconsiderar o contexto físico e cultural no qual este se insere, torna-o um não-leitor, ou leitor superficial, que em sua maioria memoriza e logo após a avaliação esquece-se do que lera. Vale frisar que a leitura, qualquer que seja, precisa trazer significação.
- **A leitura como atividade prazerosa:** Essa, que tem o poder de nos fazer enxergarmos-nos no que lemos; que tem como primordial intuito construir o senso estético e crítico dos alunos e estes se tornam profícuos comunicativamente e reflexivamente. Assim, comunicar e fazer refletir são alguns dos papéis da leitura e cabe à escola enquanto um dos espaços de integração social fomentar o gosto por ela, esta aqui vista como processo humanizador e não somente como código e texto expresso na folha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo compreendido que a leitura é por vezes vista como reprodutora de conteúdos a serem memorizados e retransmitidos em atividades avaliativas do processo escolar; tendo visto que em alguns casos ela é usada como instrumento validador da monotonia e da exaustão em sala de aula; e compreendendo que feita descontextualizada e de forma a ser vista como análise gramatical esta perde toda a sua significação, e que somente alterando a metodologia como ela é aplicada é que se alcançarão os objetivos primordiais do processo

de leitura que são comunicar, refletir, criticar, interagir e intervir no meio social e cultural no qual estamos inseridos.

Assim, vistos os casos de três alunos do Ensino Médio de uma escola pública da rede estadual de ensino em Catolé do Rocha/PB, chegamos às seguintes conclusões sobre as concepções de leitura dos mesmos: 1- são formadas com bases metodológicas errôneas, onde leitura é encarada exclusivamente como atividade com finalidades avaliativas e que se for “mal” executada acarretará reprovação no componente curricular Língua Portuguesa, ou seja, esse processo é associado somente a uma matéria, desconsiderando, desse modo, as cargas de leitura que as demais necessitam; 2- as concepções de leitura como atividade exaustora estão ligadas às atividades repetitivas que os docentes apresentam a seus alunos, que, fadigados da repetição sem significação, não leem por prazer, antes por pressão, e acabam, assim, fazendo-a de maneira descontextual e enfadonha; também, 3- tais inferências dos alunos impossibilitam que os tais desvinculem a ideia de leitura da noção de conteúdo, portanto, sem essa desvinculação torna-se inviável a habituação a quaisquer tipos de leituras, já que cansaço, por vezes, torna-se sinônimo de ler.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- SOUZA, J.M.R. & SAMPAIO, M.L.S. Leitura em contexto de aprendizagem: concepção e prática. IN: SILVA, F.V. **Nas tramas da linguagem: estudos sobre discurso, texto e ensino**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2014.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- MAIA, J. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo : Paulinas, 2007.
- KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas: Pontes Editores, 2012.

ROLLA, A.R. **Professor: perfil do leitor**. 1995. Tese. (Doutorado em Letras) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Instituto de Letras e Artes – Porto Alegre.

BOURDIEU, P. O capital social – notas provisórias. IN: NOGUEIRA, M.A. & CATANI, A. **Pierre Bourdieu : Escritos da educação**. Petrópolis : Vozes, 2007.

KOCH, I. V.; ELIAS, V.M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2010.

KOCH, I.V. **Desvendando os segredos do texto**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.